

## ANÁLISE DA TRADUÇÃO DE OBRA DE AUTOAJUDA PARA GAROTAS ADOLESCENTES: TONS DO DISCURSO, *ETHOS* DISCURSIVO E IDENTIDADE GEEK FEMININA ADOLESCENTE

*(Analysis of a self-help book translation for adolescent girls: discursive tones, discursive ethos and female geek teenage identity)*

Marília Molina Furlan<sup>1</sup>  
Universidade Estadual Paulista – UNESP

Lauro Maia Amorim<sup>2</sup>  
Universidade Estadual Paulista – UNESP

### RESUMO

*Neste artigo propõe-se uma análise da atividade tradutória a partir do conceito de tom e de ethos discursivo e dos efeitos de sentido da identidade geek feminina adolescente constituída em obras de autoajuda para as adolescentes. Como subsídios teóricos adotaram-se as concepções teóricas sobre tradução de Mittmann (1999); o conceito de identidade de Silva (2012) e a abordagem de Maingueneau (2008) sobre tom e ethos discursivo. A análise revelou que as imagens das enunciantoras e as das adolescentes geeks femininas de ambas as obras se caracterizam pelo humor, pelo exagero, pelo entusiasmo, pelo orgulho, pela militância e pela agressividade. Entretanto, no processo tradutório para a língua portuguesa, dois novos aspectos do ethos e da identidade geek feminina adolescente foram construídos discursivamente: o comedimento e a redução do índice de informalidade linguísticos. Tais aspectos foram observados em função dos recursos de atenuação dos tons discursivos assumidos pela enunciantora da obra em inglês.*

**Palavras-chave:** *Jovem. Nerd. Tonalidade. Imagem. Enunciador.*

### ABSTRACT

*This article proposes an analysis of the translation activity by considering the concept of tone and discursive ethos and the meaning effects derived from the female geek teenage identity in self-help bestsellers for adolescents. The theoretical framework was provided by the following: Mittmann (1999) on translation; Silva (2012) on the concept of identity, and Maingueneau (2008) on tone and discursive ethos. The analysis revealed that the images of the enunciators and of the female geek teenagers in the source text are characterized by humor, exaggeration, enthusiasm, pride, militancy and aggressiveness. However, two new aspects regarding ethos and the female geek teenage identity were discursively constructed in the translated text: moderation and reduction of colloquialism. These aspects were observed in the attenuation of the discursive tones originally adopted by the enunciator in the source text in English.*

**Keywords:** *Young. Nerd. Tonality. Image. Enunciator.*

---

<sup>1</sup> Doutoranda (bolsista Capes - 33004153069P-5) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de São José do Rio Preto, desde 2014. Mestre em Estudos Linguísticos, área de Análise Linguística, pela mesma Universidade, desde 2013. Autora da obra “Cenografia e *ethos* discursivo nas obras de autoajuda para adolescentes”, publicada em 2014 pelo selo Cultura Acadêmica. E-mail para contato: mariliamolinafurlan@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, área de Estudos da Tradução, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto. E-mail para contato: lauro.maia@unesp.br.

Recebido em: agosto 2017  
Aceito em: julho 2018  
[DOI: 10.26512/les.v19i2.16808](https://doi.org/10.26512/les.v19i2.16808)

## INTRODUÇÃO

Em pesquisa anterior (FURLAN, 2013), analisaram-se os *ethé* discursivos de obras de autoajuda para adolescentes considerando-se a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, especificamente as reflexões teóricas de Maingueneau (2008) sobre o conceito. Conforme Maingueneau (2008), o conceito de *ethos* discursivo diz respeito à imagem relacionada ao sujeito enunciador do discurso revelado pelo próprio modo como enuncia. Para o autor, o *ethos*, assim como o locutor apreendido como enunciador, mostra-se na enunciação, sem ser dito no corpo do enunciado. Ou seja, essa imagem do enunciador é percebida no discurso, sem ser o objeto deste discurso. Atribui-se ao enunciador traços associados a uma forma específica de dizer, de enunciar.

Ainda no que se refere à pesquisa anterior, constatou-se que, no mercado editorial de obras de autoajuda para adolescentes em *sites* de grandes livrarias nacionais, a oferta de livros de autores estrangeiros é maior do que os de produção nacional. Segundo dados pesquisados para tal trabalho<sup>3</sup>, foram encontradas 21 obras de autores de outras nacionalidades (todas traduzidas) e 12 obras de autores brasileiros. Já em relação à atual pesquisa que se desenvolve, relativa à análise do modo de enunciação de obras de autoajuda somente direcionadas para adolescentes do gênero feminino, verificou-se também que, dentre as 36 obras encontradas,<sup>4</sup> há ainda uma maior oferta de publicações de autores internacionais (25 obras, das quais 15 são traduzidas) do que daquelas de autores brasileiros (11 obras).

Para este artigo, pretende-se investigar como o processo tradutório da obra em língua inglesa para a de língua portuguesa se caracteriza na produção de efeitos de sentido em relação aos conceitos de tons discursivos, *ethos* discursivo e identidade *geek* feminina adolescente. Para tanto, caracteriza-se o texto em inglês no que diz respeito a esses conceitos discursivos, para que se possa evidenciar, seja no que se refere à escolha dos elementos da superfície linguística, seja no que se refere às formas e aos níveis de transformação de efeitos de sentido relacionados a esses conceitos, como a tradução, sob circunstâncias discursivas, sociais e ideológicas específicas, ora apresenta

---

<sup>3</sup> Pesquisa realizada nos sites da livraria Saraiva e Cultura entre os anos de 2009 e 2010. O interesse por esses *sites* de vendas justifica-se por serem comercialmente relevantes do ponto de vista de número de publicações disponíveis e de número de vendas.

<sup>4</sup> Pesquisa realizada em 2016 somente no site da Livraria Cultura, já que este site apresenta maior diversificação de ofertas de produções estrangeiras.

recursos que aproxima ora altera aspectos particulares dos conceitos selecionados que foram verificados na obra em inglês.

O interesse pelo conceito de tom discursivo justifica-se pelo fato de que, para Maingueneau (2008), a instância subjetiva que se manifesta no discurso (o enunciador) se deixa conceber como uma espécie de “voz” indissociável de um corpo enunciante, que é historicamente especificado e, por conseguinte, auxilia na caracterização do *ethos* discursivo da obra analisada.

De acordo com Maingueneau (2008), todos os textos, mesmo os escritos, têm uma vocalidade, que pode se manifestar numa multiplicidade de tons associados a certa caracterização do corpo e a certo comportamento do enunciador, considerado o “fiador”, isto é, o responsável pela enunciação. Com essa perspectiva, Maingueneau (2008) desenvolve uma concepção de *ethos* que ele chama de “encarnada”, recobrando não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas do “fiador”. Essas determinações, por sua vez, dizem respeito a representações coletivas estereotípicas. Assim, atribui-se ao fiador certo *caráter* (concebido como um feixe de traços psicológicos) e certa *corporalidade* (uma constituição física associada a uma forma de se vestir), que juntos implicam uma forma específica de se mover no espaço social, certo comportamento associado a estereótipos sociais que a enunciação contribui para manter ou transformar e nos quais os enunciatários (as)/leitores (as) se apoiam para sua apreensão da imagem do enunciador. Nesta perspectiva, entende-se que o enunciatário (a)/leitor (a) tem um papel relevante na construção do *ethos* do enunciador, pois é ele que, com base nos traços intradiscursivos, relaciona o modo de dizer do enunciador a representações coletivas e culturais relativas a modos específicos de habitar o mundo, atribuindo, desse modo, ao fiador certa imagem psicológica e social.

Considerando-se que o (a) tradutor (a) realiza também um processo de identificação e interpretação desses indícios discursivos – ele (a) é também um (a) enunciatário (a)/leitor (a), ele (a) pode ou não registrar as marcas desses processos na tradução no que concerne à constituição do *ethos* discursivo do enunciador da obra original.

As obras selecionadas para análise são: *The fangirl’s guide to the galaxy, a handbook for girl geeks* (MAGGS, 2015) e sua tradução para a língua portuguesa, de Guilherme Kroll, *O Manual da garota geek, tudo de que uma nerd precisa para dominar o mundo* (MAGGS, 2015). Tratam-se, primeiramente, de obras que se constituem em função de uma identidade adolescente específica, a adolescente *geek* ou *nerd*. Além disso, tais obras classificam-se como guias que ensinam as características da comunidade *geek* feminina adolescente para que suas leitoras possam assumir-se como integrante dessa comunidade e, por fim, os próprios enunciadores das obras apresentam-se também como pertencentes a esse grupo. Assim, a expectativa é a de que se tornem muito mais

visíveis a identificação e a caracterização dos traços enunciativos de suas instâncias enunciantoras e, por conseguinte, os da tradução na obra em língua portuguesa.

Entretanto, não se assume, no presente artigo, que somente a análise dos planos discursivos selecionados irá indicar, em definitivo, todos os aspectos possíveis que especificam a atividade tradutória, mas se assume que tal análise se apresenta como um primeiro indício do direcionamento dado a ela durante o processo.

Antes da análise propriamente dita, faz-se necessária a explicitação do embasamento teórico adotado relativo ao que se compreende, neste artigo, como tradução, identidade e tons do discurso.

## **1. TRADUÇÃO, DISCURSO E IDENTIDADE**

Assume-se, no presente artigo, uma perspectiva discursiva de análise do processo tradutório da obra em língua inglesa para a portuguesa. Dentre os princípios discursivos adotados no desenvolvimento da análise, que serão retomados neste item, estão: a produção contextualizada dos sentidos (ou seja, sua condição de constituição nos e pelos discursos social, histórica e ideologicamente situados), a condição do (a) tradutor (a) como sujeito do(s) discurso(s), a tradução como processo que envolve a leitura como ato interpretativo, a tradução como processo transformativo de produção de efeitos de sentidos.

Do ponto de vista adotado neste trabalho, entende-se que qualquer atividade linguística ou interlinguística, como a tradução, não se trata de mera questão de acionamento (ou, no caso da tradução, de correspondência) de formas e estruturas gramaticais que obedecem às restrições de sistemas de regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas) das línguas. As inúmeras atividades de linguagem são, principalmente, processos de mobilização e produção de sentidos que circulam na sociedade nos mais diversos discursos, especificados por suas condições enunciativas, sociais, históricas e ideológicas.

De um ponto de vista discursivo, o (a) tradutor (a) atua não somente no estabelecimento de relações entre significantes e significados de um sistema linguístico a outro (cf. RODRIGUES, 2000, p. 192) interpretando-as em uma rede específica de diferenças de significado, considerando os valores entre os signos das línguas postas em relação (em uma conjuntura sócio-histórica específica), mas também se envolve na produção de sentidos construídos pelas diferentes formas com as que os discursos interagem uns com os outros. Em ambos os fatores condicionantes da produção de sentidos (o sistema diferencial dos valores entre signos de uma língua e as condições

discursivas em que emergem), é a natureza convencional, compartilhada, social que subjaz às interpretações que o (a) tradutor (a) realiza em sua atividade.

Os processos interpretativos de leitura envolvidos em variados tipos de atividade linguística e interlinguística (como a tradução) implicam em atribuição de sentidos aos textos pelos atores sociais e essas atividades obedecem a normas convencionais, públicas e contextualizadas sócio-historicamente, ou seja, não estão livres dos condicionamentos circunstanciais e institucionais, os quais delimitam os significados que são produzidos durante a leitura de um texto a ser traduzido, por exemplo. Em uma perspectiva discursiva, esses processos de interpretação são compreendidos como efeitos de sentido específicos decorrentes das condições de produção e dos discursos aos quais o (a) tradutor (a), como enunciador (a) desses discursos, está vinculado.

A concepção de tradutor (a), considerando-se a perspectiva de tradução adotada no artigo, caracteriza-se por referir-se a um sujeito do discurso que compartilha com os outros membros de seu grupo sócio-discursivo as mesmas representações simbólico-ideológicas que circulam na sociedade em que está inscrito. Uma autora que defende uma abordagem discursiva da tradução é Mittmann (1999), pesquisadora que alia princípios da AD de linha francesa a investigações sobre tradução em alguns de seus trabalhos.

Segundo Mittmann (1999, p. 223), o processo tradutório envolve “produção de discurso, quer dizer, produção de um efeito de sentidos entre os interlocutores”. Em sua proposta, Mittmann (1999) ressalta que o (a) tradutor (a) (enquanto um lugar social, não enquanto indivíduo) se relaciona com a materialidade linguística dos textos a traduzir considerando-se as imagens que ele (a) tem dos sujeitos autores, dos sujeitos leitores, de si mesmo como tradutor (a), dos discursos mobilizados no texto ‘fonte’, dos referentes, etc. Dessa forma, o (a) tradutor (a) é, conforme explica Mittmann (1999), um sujeito que, representando um dado lugar social, se envolve na produção de efeitos de sentidos nos textos e discursos durante o processo tradutório.

Entretanto, como adverte a autora, isso também não significa que o (a) tradutor (a) por si só seja responsável por e plenamente consciente das escolhas e decisões que são realizadas durante tal processo. Para Mittmann (1999), cada tradução deixará marcas de sua diferença em relação ao texto ‘fonte’ da tradução, uma vez que cada uma se inscreve em uma dada condição de produção, em uma rede de relações de sentido específicas decorrentes dela. Ou seja, nenhuma tradução, pelas próprias circunstâncias discursivas em que se inscreve e pelos próprios discursos em que o (a) tradutor (a) se dispersa como sujeito enunciador, será idêntica ou plenamente correspondente, em termos semânticos, ao texto ‘original’. Diferentes processos interpretativos e seus fatores condicionantes podem fornecer evidências da voz do (a) tradutor (a) (e de outros discursos) na obra traduzida.

Por outro lado, certas tendências na constituição de efeitos de sentidos do processo tradutório podem ser indicadas pela análise de variados recursos e planos da materialidade linguística, o que se constitui como um dos objetivos da análise proposta neste artigo. A análise do *ethos* discursivo das obras em inglês e em português (por meio dos tons do discurso assumidos pelo enunciador) e das características da identidade *geek* adolescente, observando-se certos recursos de linguagem que os especificam, pode apresentar um primeiro indício das características do processo tradutório realizado, a ser confirmado ou retificado por análises posteriores de outros aspectos da superfície linguística das obras.

Sobre o conceito de identidade, cabe observar que, conforme afirma Silva (2012), as identidades são atos de criação linguística. Em suas próprias palavras,

Dizer que são resultado de atos de criação significa dizer que não são ‘elementos’ da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2012, p. 76)

Para Silva (2012), elas podem ser assim descritas como criações sociais e culturais por serem resultados de “um processo de produção simbólica e discursiva” (SILVA, 2012, p. 81). Portanto, as identidades não se manifestam como entidades imanentes, naturais e permanentes dos grupos sociais, mas questões ideológicas condicionadas historicamente se enfrentam na valorização ou não dos traços identitários que se podem atribuir às diferentes comunidades. Ou seja, em relação a questões identitárias associadas à tradução, posicionamentos discursivos de valorização ou desvalorização de determinadas identidades culturais<sup>5</sup>, de gênero, enunciativas, entre outras, podem conduzir a diferentes estratégias tradutórias.

<sup>5</sup> No que diz respeito especificamente à identidade *geek*, conforme pesquisa de Bicca *et al.* (2013), associam-se a elas os seguintes elementos característicos: valorização do uso de artefatos tecnológicos, das formas de apropriação de saberes (sejam eles de ordem acadêmica ou não) e das formas de entretenimento pop como filmes de ficção científica, histórias em quadrinho, seriados de TV, videogames e outros artefatos culturais. Também são aspectos recorrentemente vinculados à imagem *nerd* a impopularidade, a inteligência, a timidez, o gosto por hobbies e formas de entretenimento diferenciados dos grupos mais populares. Como indicam Matos (2012) e Alvão (2015), especialmente a partir dos anos 2000, observa-se uma valorização social de certos aspectos característicos comumente associados aos representantes dessa comunidade, tais como dedicação a atividades acadêmicas, curiosidade científica e interesse por tecnologia e inovação e, por isso, a identidade *geek* contemporaneamente vêm adquirindo uma conotação positiva, já que se vinculam ao sujeito *nerd* conceitos de juventude, de sucesso profissional, de inovação, de modernidade e de inteligência. Convém observar que os principais atributos específicos da identidade *geek* feminina, verificados em análises preliminares de textos destinados à comunidade *nerd* feminina em sites e blogs específicos (cf. Garotas Geek, Garotas Nerds, Geek Girls, A Geek Girl’s Guide), relacionam-se à preocupação com questões de legitimidade do pertencimento do público feminino nos grupos *geeks*, à crítica direcionada às formas como as mulheres *geeks* são tratadas pelo público masculino (ou seja, por meio de atitudes discriminatórias e misóginas), à atitude analítica sobre as formas de representação da feminilidade nos materiais *geeks*, à posição militante da causa feminina inscrita no cenário

## 2. ANÁLISE DAS OBRAS *THE FANGIRL'S GUIDE TO THE GALAXY* E O *MANUAL DA GAROTA GEEK*

Na análise apresentada no presente artigo, trata-se de investigar em que medida e quais as formas com as que Kroll (2015)<sup>6</sup> ora teria aproximado<sup>7</sup> ora teria modificado os efeitos de sentido e as características relacionadas aos tons discursivos, ao *ethos* discursivo e à identidade *geek* feminina adolescente na obra em língua portuguesa daqueles constituídos na obra em língua inglesa. Buscou-se priorizar a verificação de mecanismos de atenuação, neutralização ou reforço dos tons discursivos da obra em inglês (e dos efeitos de sentido associados a eles) para o público leitor pressuposto pela enunciação da obra em português.<sup>8</sup> Outros fatores condicionantes do processo tradutório, no caso aqui especificamente analisado, a posição de Kroll (2015) em relação ao *ethos* discursivo constituído na obra em língua inglesa e em relação à constituição identitária da adolescência feminina *geek* na obra traduzida também são considerados na análise.

Metodologicamente, apresentar-se-á cada característica dos tons discursivos, do *ethos* e da identidade *geek* feminina adolescente na obra em língua inglesa seguida da respectiva análise da tradução desses aspectos para a obra em língua portuguesa. Além disso, nos exemplos apresentados, os trechos em itálico indicam as marcas de modificações do texto traduzido em relação ao texto em inglês (e as respectivas formas em língua inglesa que foram modificadas também) e os destaques em negrito são realizados pela autora e mantidos por Kroll (2015) no texto em português.

---

*geek*, às diferentes e intensas formas de expressividade da paixão pelos elementos da cultura *geek* e ao consumo de produtos *geeks* relacionados ao campo da estética. Além disso, convém ressaltar que a delimitação da identidade *geek* feminina ao público adolescente nas análises apresentadas não pressupõe, como objetivo do presente artigo, o estabelecimento de distinções relevantes entre a identidade *geek* adulta e a adolescente, mas somente uma especificação da imagem do público a qual a obra analisada se dirige. Tal observação se justifica na medida em que o perfil da comunidade *nerd* brasileira está associado a uma faixa etária próxima, que se estende do final da adolescência até meados da vida adulta – dos 18 aos 34 anos. A respeito desse dado, pode-se conferir pesquisa realizada em 2015 em parceria entre o site Omelete – reconhecido site de entretenimento *geek* brasileiro – e a plataforma eletrônica Conecta, pertencente ao Ibope Inteligência (OLIVEIRA, 2016).

<sup>6</sup> Conforme a perspectiva discursiva de análise do processo tradutório adotado para o presente artigo, convém reforçar que não se trata, nessas análises, de avaliar as decisões do tradutor como decorrentes exclusivamente de uma posição individual, mas como resultados de todo um processo coletivo e institucional, relacionados às políticas editoriais específicas em que o tradutor se inscreve, ou seja, que se ampliam, por exemplo, para questões associadas também ao exercício das atividades de editores e revisores, dentre outros fatores.

<sup>7</sup> Não se compreende, neste artigo, aproximação como sinônimo de equivalência destituída de leitura interpretativa ou como relação de igualdade, mas como de similaridade.

<sup>8</sup> Embora tenham sido observadas outras alterações de caráter semântico-estilísticas na atividade tradutória, que indicaram, por exemplo, modificações ou acréscimos de determinadas especificidades semânticas, tais alterações não serão descritas no presente artigo tendo-se em vista o propósito da análise desenvolvida.

### 3. TONS DISCURSIVOS, ETHOS E IDENTIDADE *GEEK* FEMININA ADOLESCENTE

O primeiro (e principal) tom discursivo verificado na obra em língua inglesa pode ser identificado como hiperbólico, exagerado ou entusiasmado, em que, em muitos enunciados, divide espaço com um tom humorístico, divertido da enunciadora (a instância enunciativa identifica-se explicitamente nos enunciados como do gênero feminino). Trata-se de uma manifestação considerada pela enunciadora como típica da comunidade *geek* feminina, da qual ela se diz uma representante. Trata-se da ocorrência de enunciados efusivos, animados e com tom de brincadeira, bem como exagerados.

Os tons discursivos podem se encontrar manifestos nos enunciados por meio de certos recursos de conteúdo e expressão. No caso dos tons hiperbólicos, exagerados e entusiasmados, tais recursos incluem enumerações, adjetivos qualificadores e superlativos; verbos e locuções que expressam exagero; descrições, de comparações ou de metáforas exageradas; repetições e exclamações ou expressões de ilocução exclamativa (ou em letras maiúsculas, agrupadas). Associado a esse tom, observa-se a presença do tom de informalidade de alguns termos (*faves; buddies; dudes*), o que caracteriza um modo típico de enunciar da garota *geek*.

No que se refere à obra traduzida, semelhantes tipos de recursos linguístico-textuais e efeitos de sentidos da obra em língua inglesa são observados na tradução, ou seja, o tom hiperbólico (entusiasmado), exagerado e bem-humorado constitui-se também, em língua portuguesa, por recursos de mesma natureza na produção de efeitos de sentido.

Abaixo, um exemplo do tom hiperbólico assumido pelas enunciadoras que as identifica, bem como os seus modos de enunciação, como pertencentes à comunidade de garotas *geeks* adolescentes.

Texto em inglês	Texto traduzido por Kroll (2015)
(01) “ <b>Celebrity Friends!</b> Potentially the most terrifying thing about a con weekend is also the most exciting: that moment when you finally, finally get to meet the celeb love of your life. There are a few ways to prevent total meltdown in front of your <i>fave</i> . First, remember that they’re just a person. It’s easy to build these people up because they’ve had such an impact on your life, but they’re also just normal folks, and they don’t love to be <i>gawked</i> at like zoo animals. Second, keep in mind that you’ll have about ten seconds at a photo and thirty seconds [...] at an autograph [...] If possible, try to hold off on the tears and the shaking (inevitable) until after your interaction. [...]” (MAGGS, 2015, p.145-146)	(02) “ <b>Amigos famosos!</b> A coisa mais aterrorizante sobre um fim de semana de con é também a mais emocionante: aquele momento quando finalmente, finalmente, vai conhecer a celebridade que é o amor da sua vida. Há algumas formas de prevenir um colapso total na frente de seu <i>favorito</i> . Primeiro, lembre-se de que eles são só pessoas. É fácil colocá-los em um pedestal porque têm um impacto grande na sua vida, mas são gente como a gente e não gostam de ser <i>encarados</i> como animais de zoológico. Segundo, tenha em mente que você talvez tenha dez segundos para uma foto e cerca de uns trinta segundos [...] para um autógrafo [...] se for possível, tente segurar as lágrimas e a tremedeira (inevitáveis) durante a interação. [...]” (MAGGS, 2015, p. 134).

Observam-se, entretanto, na materialidade linguística da obra traduzida, algumas alterações estilísticas que podem indicar uma atenuação de intensidade com o qual o tom hiperbólico, entusiasmado e bem-humorado é expresso em língua portuguesa, bem como uma redução do grau de informalidade de algumas expressões.

No que se refere aos exemplos (01) e (02), é a tradução do verbo “*gawked*” (MAGGS, 2015, p. 146) que apresenta atenuação na tradução. O verbo em inglês remete não somente a encarar algo (MAGGS, 2015, p. 134), mas também ao modo como se encara, ou seja, de maneira estúpida ou rude (cf. CAMBRIDGE DICTIONARY, 2016). A forma utilizada em língua portuguesa não especificou tal modo e, por isso, amenizou a força expressiva do termo em inglês para o público adolescente *geek* brasileiro. Além disso, o termo “*celebs*” (MAGGS, 2015, p. 104) é abreviação de “*celebrity*” e tal mecanismo de informalidade não foi utilizado no texto em português, o que também indica uma atenuação adotada do tom mais descontraído do texto em língua inglesa na atividade tradutória.

Um segundo exemplo do tom hiperbólico verificado tanto na obra em inglês quanto na obra em português apresenta-se a seguir:

Texto em inglês	Texto traduzido por Kroll (2015)
(03) “ <b>Nope: Five myths about feminism in need of busting</b> [...] If we were to believe them all, we’d probably be under the impression that a fangirl feminist is a cross between an imaginary unicorn, a giant bra-less ogre-lady, and a supersexy succubus who goes around cutting the <i>dangly bits</i> off every man she meets. [...]” (MAGGS, 2015, p. 159)	(04) “ <b>Não: cinco mitos sobre feminismo que precisam cair</b> [...] Se acreditarmos em tudo o que vemos por aí, provavelmente ficaremos com a impressão de que uma feminista <i>geek</i> é o cruzamento entre um unicórnio imaginário, uma ogra gigante que não usa sutiã e uma súcuba supersexy que anda por aí cortando fora o <i>pênis</i> de qualquer homem que encontra. [...]” (MAGGS, 2015, p. 147)

Em relação aos exemplos (03) e (04), a expressão “*dangly bits*” (MAGGS, 2015, p. 159) é retomada por uma forma mais comedida, técnica, formal e padronizada para a referência à genitália masculina do que a expressão em inglês (cf. URBAN DICTIONARY, 2003): a expressão utilizada em português foi “*pênis*” (MAGGS, 2015, p. 147).

Assim, no que concerne ao tom hiperbólico (entusiasmado), exagerado e até mesmo bem-humorado verificado na obra em inglês, vale ressaltar que, por se tratar de um indício muito pertinente tanto para a constituição da identidade *geek* feminina adolescente quanto para o *ethos* discursivo da obra ‘fonte’ da tradução, este tom não poderia ser amenizado ou neutralizado se os agentes envolvidos no processo tradutório se inscrevessem em um posicionamento teórico de aproximação ao projeto de texto ao discurso assumido ou ao tipo de enunciação da obra a ser traduzida. Ainda assim, fatores de diferentes naturezas podem ter conduzido Kroll (2015) a seguir uma conduta de atenuação do modo de enunciação da obra ‘fonte’ da tradução, alterando, em

alguma medida, o *ethos* discursivo e a identidade *geek* feminina adolescente característicos da obra em inglês e acrescentando duas nuances diferentes de significação para as imagens de enunciativa e de adolescente *geek* feminina adolescente na obra em língua portuguesa: o comedimento e o menor grau de informalidade dos comportamentos verbais.

O segundo tipo de tom discursivo verificado nos enunciados da obra em inglês é o orgulhoso. Nas afirmações da enunciativa, apresentam-se enunciados que parafraseiam a necessidade de expressão de ‘nerdice’ das garotas e desse sentimento de orgulho; que destacam, através de adjetivos qualificadores e advérbios intensificadores e de verbos no modo imperativo, a produção de *fanfiction*<sup>9</sup> como válidas ou legítimas ou que funcionam como declarações de comprometimento com a causa *geek* feminista, com enunciados em primeira pessoa do singular. A análise semântica dos trechos referentes ao tom orgulhoso na obra traduzida indica que os mecanismos linguístico-textuais em língua portuguesa se assemelham, em termos de efeitos de sentido e de usos, aos verificados na obra ‘fonte’ da tradução e, por isso, preservam os tons discursivos.

Abaixo, um exemplo representativo desse tom:

Texto em inglês	Texto traduzido por Kroll (2015)
(05) “ <b>The Geek Girl’s Litany for Feminism</b> I am a geek girl and I am a feminist. [...] I don’t have to prove my <i>nerd cred</i> to anyone, ever. [...] no one else gets to decide whether I do or do not belong. [...] I can wear makeup and R2D2 mini dresses, or a Chewie T-shirt and ripped jeans, and the world has to deal with it; because a geek feminist looks however she wants and doesn’t apologize. I will support empowering, <i>lady-created media</i> and amazing female characters who make me feel like I could be Batgirl, if just had some yellow Doc Martens and a vigilante complex. I’m the Doctor, not a companion; Buffy, not Bella; nobody’s sidekick, love interest, or token female. I’m driving this ship. I’m a fangirl, a feminist, and a force to be reckoned with.” (MAGGS, 2015, p. 155)	(06) “ <b>Litania da garota geek pelo feminismo</b> Sou uma garota geek e uma feminista. [...] não preciso provar o meu <i>credo</i> nerd para ninguém, nunca. [...] ninguém pode decidir a que lugar eu pertença ou não [...] eu posso usar maquiagem e um minivestido do R2D2, ou uma camiseta do Chewie e jeans rasgados e o mundo vai ter de lidar com a minha escolha; porque uma garota geek feminista se veste como quiser e não pede desculpas. Eu vou apoiar empoderamento, <i>expressão cultural criada por mulheres</i> e incríveis personagens femininas que farão me sentir como se eu pudesse ser a Batgirl, se eu tivesse um coturno amarelo e um complexo de vigilante. Eu sou o Doctor Who, não a sua companhia; Buffy, não Bella; não sou a parceira-mirim, interesse amoroso ou uma mulher-troféu. Estou dirigindo esta nave. Sou geek, feminista e uma força a ser reconhecida.” (MAGGS, 2015, p. 143)

Uma primeira alteração verificada na tradução do trecho em (05) é a da expressão “*cred*” (MAGGS, 2015, p. 155). Esta expressão é parte de uma gíria urbana em inglês “*street cred*” que significa “reputação, imagem” (cf. WORDREFERENCE, 2016). Durante o processo tradutório, optou-se por traduzi-la considerando a forma graficamente semelhante “*creed*”, expressão que é menos informal que “*cred*”, que significa “credo” e que se adequou ao contexto discursivo de

<sup>9</sup> Narrativas ficcionais criadas por fãs baseadas em personagens, obras de literatura, animes, mangás, videogames, séries de TV.

defesa das crenças feministas pela enunciadora (em inglês, a defesa da imagem de garota *nerd*; em português, das crenças *nerds*). Entretanto, trata-se de mais um indício da atenuação da informalidade tanto da enunciadora quanto da adolescente *geek* feminista no texto em português.

Ainda no que se refere aos exemplos (05) e (06), Kroll (2015) traduziu a locução “*lady created media*” (MAGGS, 2015, p. 155) por “expressão cultural criada por mulheres”. A especificidade semântica de “*media*” em inglês foi alterada na tradução por ‘cultural’, termo mais amplo e que não faz referência a um campo de produção de formas de entretenimento da mídia desenvolvidas por mulheres. Tal informação, no trecho em inglês, reforça o tom orgulhoso da enunciadora (e acentua o empoderamento dado ao gênero feminino por ela) ao defender a participação feminina em campos de atividade tão restritos como os da mídia, por exemplo. Trata-se de mais uma evidência de que no processo de tradução se empregam recursos que amenizam os tons discursivos (ou, neste caso específico, que diminuem sua força expressiva na defesa do empoderamento feminino) assumidos pela enunciadora do texto em inglês.

Tais exceções não eliminam o tom orgulhoso no texto em português, mas o tom orgulhoso é reconstruído com uma alteração do grau de informalidade, especificidade e comedimento com que é realizado.

Uma postura (ou um tom) de comprometimento orgulhoso com a identidade *geek* e de ativismo feminista, no cenário da adolescência brasileira, pode ser considerada não-familiar à adolescente brasileira (representada, especialmente em discursos midiáticos voltados a ela, como preocupada com questões de cuidados com o corpo, vaidade, estética, relacionamento amorosos e sociais, sexualidade, etc.). Kroll (2015), de acordo com o contexto editorial, social e discursivo, parece, até o presente momento da análise, adotar mecanismos durante a tradução de modo a amenizar o despojamento, a informalidade verbal e a força expressiva com que os tons entusiasmados, descontraídos e orgulhosos são formulados em inglês, uma vez que a imagem de adolescente feminina pressuposta na obra em língua inglesa não condiz com aquela que tal público discursivamente interage nos meios sociais brasileiros.

Dada essa postura orgulhosa assinalada nestes últimos exemplos na obra em língua inglesa, justifica-se também a presença de um tom crítico e irônico da enunciadora em relação a atitudes agressivas ou machistas, misóginas por parte de outros integrantes do mundo *geek* ou pelos próprios produtores, criadores dos produtos culturais desse meio. A enunciadora adota a ironia para desqualificar atitudes mal-educadas, preconceituosas e arrogantes de membros de fóruns de debates de temas *geeks* na internet, bem como critica o modo como as mulheres são representadas nos produtos ficcionais. A enunciadora utiliza especialmente o recurso da definição de comportamentos,

de comparações e de perguntas retóricas para apresentar a ironia, bem como o uso de metáforas exageradas.

Em relação à obra em português, semanticamente observa-se que há semelhança das formas de representação linguístico-textuais dos tons da obra em inglês em relação aos enunciados irônicos. Os exemplos indicam a presença, na tradução, de mecanismos e de efeitos de sentido similares aos que se constituem na obra em língua inglesa em relação aos tons do discurso, ao *ethos* discursivo e à identidade *geek* feminina adolescente pressupostos nesse discurso.

Um exemplo de enunciados de tom irônicos está no quadro abaixo:

Texto em inglês	Texto traduzido por Kroll (2015)
(07) “ <b>Is the villain’s chief evil power a sexy evil power?</b> Any time an evil lady villain (aliens disguised as sexy ladies in order to <i>entrap</i> men, demon vampire bitches, you know the type) uses her sexuality to prey on the poor men in the film (who have no defense against her sexualicious feminine wiles, of course), it reinforces the idea that female sexuality and sexual freedom are scary and evil and should be restrained at all costs because who will <i>think of</i> the men???? [...]” (MAGGS, 2015, p. 185)	(08) “ <b>O poder da vilã final é um poder sexy?</b> Toda vez que uma vilã maligna (aliens disfarçadas de mulheres sexies para <i>capturar</i> os homens, vagabundas vampiras demoníacas, você conhece o tipo) usa sua sexualidade para vencer os pobres homens (que não têm nenhuma defesa contra as seduções femininas, claro), isso reforça a ideia de que a sexualidade feminina e a liberdade sexual são assustadoras, malignas e devem ser restringidas a todo custo. Afinal, quem <i>pensaria mal</i> dos homens???? [...]” (MAGGS, 2015, p.169)

Em relação aos exemplos (07) e (08), a expressão “*evil*” (MAGGS, 2015, p. 185) é omitida em português. Essa omissão sinaliza tanto uma forma de moderação do tom exagerado a que a locução “*villain’s chief evil*” está associada, já que “*villain*” já pressupõe o traço de maldade e crueldade que “*evil*” somente reforçaria no texto em inglês (cf. CAMBRIDGE DICTIONARY, 2016), quanto da ironia em relação à denominação da personagem feminina que exerce o papel de vilã, caracterizada pelo excesso de maldade em relação aos seus atos contra os personagens masculinos.

Além dessa ocorrência, o verbo “*think of*” (MAGGS, 2015, p. 185) é traduzida por Kroll (2015) por “*pensaria mal*” (MAGGS, 2015, p.169), mas em inglês a expressão não indica a qualidade dada a forma de pensar (mal), somente o ato de pensar (cf. GÁLVEZ, 2009, p. 366). Ao explicitar a acusação indireta aos indivíduos do gênero masculino contida na expressão “*who will think of the men*” para a tradução por “*quem pensaria mal dos homens*” a ironia perde sua força expressiva em português justamente porque tal agressão não é sutil ou velada como em inglês. Trata-se, pois, de mais uma evidência de que a enunciativa do texto traduzido é mais comedida na expressão dos tons discursivos do que a enunciativa da obra em inglês.

Associados aos tons críticos e irônicos acima assinalados, verificam-se também, na obra em língua inglesa, enunciados com tom militante e incitativo em relação à causa feminista e à

adoção de uma postura feminista nos comportamentos da vida cotidiana das garotas *geeks* e na avaliação da representação feminina nos produtos culturais de ficção que elas consomem. A adolescente *geek* retratada, indicada pelo *ethos* discursivo da obra em língua inglesa, é uma ativista preocupada com as questões de gênero.

Nos enunciados que se manifestam em tons militantes e incitativos encontram-se recursos textuais como perguntas retóricas e enunciados explicativos com ilocução exclamativa; afirmações em tempo presente com valor atemporal (cuja validade estende-se para outros períodos históricos e adquirem dado sentido de verdade); sugestões em formas de perguntas; avaliações e informações e enunciados com verbos imperativos que possibilitam a construção desse tom discursivo (já que recomendam quais atitudes feministas específicas a garota *geek* pode adotar).

Em contraste com a imagem adolescente feminina tipicamente representada em diversos outros discursos no cenário brasileiro, como aqueles que são veiculados nos diferentes meios de comunicação (cf. FISCHER, 1996), que geralmente a associa a traços como delicadeza, fragilidade, doçura, gentileza, alegria, emoção, sensibilidade, a imagem de uma garota *geek* adolescente vincula-se ao ativismo feminista, a uma posição militante a favor dos direitos feministas, a comportamentos engajados a essa causa, similares a postura enunciativa e ao *ethos* discursivo da enunciativa da obra ‘fonte’ da tradução. Como em relação aos outros tons discursivos, a posição de Kroll (2015) não é alterada, assumindo, pois, uma conduta tradutória que poderia ser considerada como de maior ‘proximidade’ entre os textos na sua atividade. Da mesma forma, os tipos de recursos linguístico-textuais empregados em língua portuguesa e seus efeitos de sentido para a imagem da identidade *geek* feminina adolescente e para o *ethos* discursivo são semelhantes aos da obra em inglês. Abaixo, o primeiro exemplo de enunciados que são expressos em tom militante:

Texto em inglês	Texto traduzido por Kroll (2015)
<p>(09) <b>“Why call yourself a feminist, tho? Because Reasons! Because you think all humans should be treated the same!</b> Do you want every human everywhere – regardless of gender, race, class, sexuality, or fandom – to have the same rights? Then congrats: you are a feminist. [...] <b>Because history!</b> Ladies who came before worked hard to get us awesome things like the right to vote, and have jobs, and own property, and not be property! Honor those amazing women and their sacrifices with your feminism. <b>Because comic books and video games aren’t just for boys!</b> Anybody can like anything. Fact. Feminism fights for this idea. <b>Because you wanna do whatever you wanna do!</b> No matter what you like to do, say, wear, play, read, or cosplays, you, you should be able to do it without persecution. Feminism is on your side. <b>Because not everyone is a lucky as you!</b></p>	<p>(10) <b>“Por que se considerar uma feminista? Eis os motivos por quê! Porque você acha que todos os seres humanos devem ser tratados da mesma forma!</b> Você acha que todos os seres humanos – independentemente de gênero, raça, classe, sexualidade ou fandom – devem ter os mesmos direitos? Então parabéns: você é uma feminista. [...] <b>Por causa da história!</b> Garotas que vieram anos antes, trabalharam duro para conseguir coisas muito boas como o direito ao voto, a empregos, a ter propriedades e a não ser uma propriedade! Honre essas incríveis mulheres e os sacrifícios feministas delas. <b>Porque quadrinhos e videogames não são só para garotos!</b> Qualquer pessoa pode gostar de qualquer coisa. Fato. O feminismo luta por isso. <b>Porque você quer fazer o que você quer fazer!</b> Não importa o que você goste de fazer, dizer, vestir, jogar, ler, deve poder fazê-lo sem perseguição. O feminismo está do seu lado. <b>Porque nem todo mundo é tão sortuda quanto você!</b></p>

<p>Feminism fights for the rights of ladies and girls all over the globe to go to school, work, drive, choose whom to marry, and do many other things <i>you might take for granted</i>. <i>High five</i>. <b>Because you love yourself!</b> Being a feminist means that you want the very best for yourself. And that's a good thing, fangirl. You deserve it!" (MAGGS, 2015, p. 154, grifos da autora).</p>	<p>O feminismo luta pelos direitos das garotas de todo o mundo de ir à escola, trabalhar, dirigir, escolher com quem casar e fazer muitas outras coisas que <i>nós temos garantidas</i>. <i>Estamos juntas</i>. <b>Porque você se ama!</b> Ser uma feminista significa que você quer o melhor para si. E isso é uma coisa boa, garota geek. Você merece!" (MAGGS, 2015, p. 142, grifos da autora)</p>
---	---

No que concerne aos aspectos de alterações de efeitos de sentido envolvidos no processo tradutório, alguns também podem ser evidenciados nos exemplos relativos ao tom militante. Sobre a expressão “*high five*” (MAGGS, 2015, p. 154), ela é empregada ao se realizar um gesto de celebração em que duas pessoas batem as palmas de suas mãos, com os braços estendidos para o alto (cf. URBAN DICTIONARY, 2010). Em português, uma expressão mais próxima (e empregada em contextos mais informais) seria “toca aqui” e não a tradução que foi utilizada “estamos juntas”, forma com menor grau de coloquialidade (MAGGS, 2015, p. 142).

Kroll (2015), também em relação aos exemplos (09) e (10), traduz “*you might take for granted*” (MAGGS, 2015, p. 154) por “nós temos garantidas” (MAGGS, 2015, p. 142). A enunciativa do texto em português assume que, para ela mesma e para as adolescentes *geeks* a quem se dirige, todas as mulheres já conquistaram os direitos anteriormente mencionados (escolher com quem casar, por exemplo) ao empregar o verbo “ter” no presente, sem nenhuma modalização. Por outro lado, a enunciativa do texto em inglês não presume que tais direitos foram já plenamente conquistados por todas as mulheres (de culturas e contextos sociais e econômicos diferentes), pois emprega o pronome pessoal “*you*” (vocês) e não “*we*” (nós) ao indicar que são as garotas *geeks* a quem ela se dirige (e não ela mesma) as que “podem presumir, considerar, pensar” – indicado pelo verbo “*take*” (cf. GÁLVEZ, 2009, p. 359) e pelo verbo auxiliar modalizador “*might*” - que esses direitos já estão garantidos a todas as mulheres. Por conseguinte, o tom militante em português é diluído (moderado) na medida em que não se pressupõe mais que certos direitos femininos ainda devem ser conquistados por determinados grupos de mulheres, de diferentes culturas e situações socioeconômicas em relação às adolescentes *geeks* pressupostas como enunciatárias dessa obra no cenário brasileiro.

Abaixo, outro exemplo de tons militantes nas obras em análise:

Texto em inglês	Texto traduzido por Kroll (2015)
<p>(11) “<b>Strong female character: putting your feminism into action</b> [...] Now that you know it means to be a great geek feminist and a fantastic critical thinker about issues of sexism, why don't we take a look at some of the things you can do to put your feminism into action? <b>Buy and support</b></p>	<p>(12) “<b>Personagens femininas fortes. Colocando seu feminismo em ação</b> [...] Agora que sabe o que significa ser uma grande feminista geek e uma fantástica pensadora crítica sobre questões de sexismo, por que não dar uma olhada em algumas das coisas que pode fazer para colocar o feminismo em ação? <b>Compre e apóie conteúdo criado por mulheres!</b> Mulheres ainda são</p>

<p><b>female-created media!</b> Women are still astonishingly underrepresented as directors, writers, and artists in all forms of media, so when we get a good one, we need to support her. [...] <b>Be a role model!</b> [...] Buy girls LEGOs from the ‘boy’ aisle, tell girls they’re ‘smart’ instead of ‘sweet’, ask them what they like to read. Take your little niece out the natural history museum for dinosaur time and then paint her toenails red while watching Star Trek. Same goes for boys: teach them it’s wrong to hit anyone, not just girls, and let them play with Barbies if they want. [...] <b>Be intersectional!</b> This just means listening to and respecting people of all backgrounds. After all, feminism isn’t just for the type of person you are. It’s for everyone, and you can’t really look at oppression without considering race, gender, sexuality, ethnicity, ability, and class. Make sure your feminism includes <i>people of color, queer folks, those of different classes, the trans community, people who might be differently abled</i>, all of the everyone. [...] <b>Be proud to be like other girls!</b> [...] Remember, other women are not your competition. Putting down or refusing to support other ladies to boost your own profile is venturing into troll territory. [...]” (MAGGS, 2015, p. 188-190, grifos da autora)</p>	<p>incrivelmente mal representadas como diretoras, escritoras e artistas em todas as formas de entretenimento, então, quando uma boa aparece, precisamos apoiá-la. <b>Seja um modelo de conduta!</b> [...] Presenteie meninas com Legos do corredor de brinquedos para ‘meninos’, diga a meninas que são inteligentes, em vez de lindinhas, pergunte-lhes o que gostam de ler. Leve sua sobrinha ao museu de história natural e depois pinte as unhas dela de vermelho enquanto assistem Star Trek. O mesmo vale para os garotos: ensine que não podem bater em ninguém e deixe que brinquem com Barbies se quiserem. [...] <b>Seja interseccional!</b> Isso só significa ouvir e respeitar pessoas de todos os tipos. Afinal, feminismo não é só para o tipo de pessoa que você é. É para todos, e você não pode realmente olhar para a opressão sem considerar gênero, sexualidade, etnia, capacidade funcional e classe. Verifique se o seu feminismo inclui as <i>pessoas diferentes de você</i>, todos de todos. [...] <b>Tenha orgulho de ser como outras garotas!</b> [...] Lembre-se de que outras mulheres não são suas concorrentes. Deixar de lado ou se recusar a apoiar outras garotas apenas para aumentar a sua autoestima fará com que você se aventure em território troll. [...]”(MAGGS, 2015, p. 173-175, grifos da autora)</p>
--	--

Em relação aos exemplos (11) e (12), um caso de modificação relaciona-se à omissão e à substituição de “*people of color, queer folks, those of different classes, the trans community, people who might be differently abled*” (MAGGS, 2015, p. 189). Nesse caso, toda a especificidade do discurso feminista pela defesa de grupos minoritários desaparece pela tradução desse longo trecho por “pessoas diferentes de você” (MAGGS, 2015, p. 174). Pode-se questionar se isso seria um indício de que, durante a tradução, não se está autorizado pelo discurso institucional e editorial a referir-se diretamente aos grupos denominados no texto em inglês a fim de que se evite polêmicas em relação a possíveis acusações de uso de linguagem discriminatória, ou seja, o que reforça a caracterização de uma linguagem mais comedida empregada na expressão do tom militante da enunciativa. Como argumento que aponta para essa justificativa, segundo Smitherman (2000), a expressão “*people of color*” indica “um termo genérico para pessoas negras, hispanos, latinos, asiáticos e nativos americanos e outras pessoas ‘não brancas’, especialmente nos EUA” e, caso fosse traduzida por “pessoas de cor”, o teor ofensivo ou discriminatório da expressão poderia ser identificado.

Por fim, a enunciativa do texto em inglês apresenta também em seus enunciados tons mais agressivos, ou seja, enuncia de maneira mais violenta contra aqueles que adotam uma posição ou uma visão machista sobre a participação da adolescente na comunidade *nerd*, de modo que sinalizaria para uma identidade adolescente *geek* feminina também mais agressiva. Mecanismos de

linguagem de diferentes naturezas são utilizados para a expressão desse tom mais agressivo, dentre os quais adjetivos ou substantivos que podem ser descritos como insultantes a um dado grupo de indivíduos ou a um dado ponto de vista e descrições de atitudes agressivas por parte das garotas.

A agressividade, em muitas sociedades, está estereotipicamente associada a comportamentos masculinos. Não somente no Brasil, a correlação entre agressividade e o gênero masculino é preservada em muitos tipos de discursos. Em camadas sociais mais conservadoras, feminilidade é representada como a ausência de agressividade ou de uma postura desafiadora, provocativa, áspera e até mesmo grosseira, considerada tipicamente como masculina. Assim, o tom assumido pela enunciativa como parte tanto de sua própria caracterização quanto da adolescente *geek* feminina, mesmo em cenários menos conservadores, pode causar também estranhamento ao público leitor. Mas, condizente com uma posição de maior aproximação ao texto ‘fonte’, no processo tradutório Kroll (2015) também adotou o tom discursivo agressivo verificado em alguns enunciados da obra em inglês, de forma que as imagens discursivamente constituídas da adolescente *geek* e da enunciativa não fossem eliminadas em relação ao texto em língua inglesa. Como nos casos anteriores, os recursos de expressão e seus efeitos de sentido para os tons do discurso e para a construção discursiva da identidade adolescente feminina *geek* são semelhantes entre a obra em inglês e a obra em português.

Abaixo, um exemplo de enunciados com tons agressivos:

Texto em inglês	Texto traduzido por Kroll (2015)
(13) “ <b>Misogyny</b> Fearing or hating women. Someone who engages in this is called a misogynist (although ‘jerkface’ is acceptable <i>under your breath</i> ).” (MAGGS, 2015, p. 157)	(14) “ <b>Misoginia</b> Temor ou ódio a mulheres. Alguém que sente esse tipo de coisa é chamado de misógino (embora ‘cretino’ seja <i>aceitável em pensamento</i> ).” (MAGGS, 2015, p.145)

Algumas alterações reforçam o comedimento e a amenização da informalidade das formas de expressão do tom agressivo da enunciativa no texto traduzido ao português. Em relação aos exemplos (13) e (14), a expressão “*under your breath*” (MAGGS, 2015, p. 157) remete a um modo silencioso, quase inaudível, de se falar, como um sussurro (cf. DICIONÁRIO LINGUEE, 2016), entretanto foi traduzido como “em pensamento” (MAGGS, 2015, p. 145), uma tradução que também pode sinalizar, por parte da enunciativa e da adolescente *geek* feminista da obra traduzida, um maior comedimento para expressar acusações verbais abertamente, ainda que de forma murmurada.

Por meio dos exemplos destacados da obra em língua inglesa, observa-se a constituição de um *ethos* da enunciativa do texto, que serve de modelo de conduta para os enunciatários desse discurso, caracterizado pela representação de uma adolescente *geek* feminista que atua (inclusive

verbalmente) de forma exagerada, divertida, entusiasmada, mas ao mesmo tempo agressiva, irônica, orgulhosa e ativista dos direitos femininos. São os sentidos mobilizados e condicionados pelas formações discursivas feminista e *geek* que influenciam a significação dessa obra em inglês, bem como a sua caracterização específica do *ethos* discursivo, dos tons do discurso e da identidade *geek* feminina adolescente.

Considerando-se essa peculiar representação identitária assumida por esse discurso específico, observou-se como a tradução da obra em língua portuguesa processou-se no que diz respeito à caracterização do *ethos* discursivo específico (por meio da análise dos tons discursivos assumidos pelo enunciador) e da construção discursiva da identidade *geek* adolescente.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos tons discursivos, do *ethos* e da identidade *geek* feminina adolescente nas obras selecionadas revelou que o processo tradutório conduzido se caracterizou pela aproximação, na obra em português, dos efeitos de sentidos relacionados a esses conceitos daqueles constituídos na obra em língua inglesa. Entretanto, um novo aspecto discursivo desse *ethos* e dessa identidade pôde ser construído durante a atividade tradutória: o comedimento e a redução da informalidade linguística da adolescente *geek* feminista no cenário brasileiro puderam ser observados como características projetadas discursivamente por meio de diferentes transformações semântico-estilísticas do texto em língua inglesa. Tanto a imagem da enunciativa (o *ethos* discursivo) quanto a da adolescente *geek* feminista no texto em língua portuguesa se particularizam pelo maior grau de comedimento e atenuação da informalidade linguísticos em relação às formas linguísticas do português do que o da enunciativa e da garota *geek* feminista americana em relação às formas linguísticas do inglês.

Dentre as hipóteses que poderiam justificar a posição de Kroll (2015) em relação à adoção de uma postura de maior normatização linguística em português, relacionadas às condições de produção desse processo discursivo tradutório específico, estão as imposições institucionais, particularmente as editoriais, para a amenização ou moderação da coloquialidade da linguagem empregada na obra em inglês. Tais imposições editoriais podem por sua vez, pressupor uma concepção avaliativa e prescritiva de determinados usos de linguagem por parte do mercado editorial, bem como por parte de um dado perfil do público leitor brasileiro projetado por esse mesmo mercado, para os quais o grau de adequação a uma variedade menos informal do português é um dos principais parâmetros de exame da ‘qualidade’ da escrita de textos.

Além dessa primeira hipótese, outros fatores de natureza editorial ou cultural, por exemplo, podem ter interferido na tradução da obra, considerando-se que o público leitor que teria acesso a

ela no cenário brasileiro, provavelmente, não pertence ainda a um universo *geek* e feminista tão consolidado, dos pontos de vista mercadológico e comportamental, quanto em países anglofônicos. Além disso, o processo de tradução pode ter sofrido orientação de uma política editorial específica, caracterizada por um posicionamento discursivo que evita uma ‘setorização’ linguística tão marcada em relação ao público *geek* feminista no Brasil.

Outra possível hipótese pode ser descrita como decorrente das formações discursivas em que Kroll (2015) se inscreve no que diz respeito à sua atividade profissional: os discursos (valores e princípios) sobre tradução que o constituíram como profissional durante sua formação, sejam eles os que permeiam sua prática de tradução, sejam os que permeiam as comunidades interpretativas às quais pertence. Por último, pode-se explicar as características assumidas pelo processo tradutório envolvido na obra analisada pelo fato de que a disseminação dos discursos *geeks* e feministas no Brasil é menor do que no cenário sócio-histórico americano e, portanto, o do modo de enunciação a eles vinculados também. O presente artigo, entretanto, não visa determinar em definitivo quais dessas hipóteses justificariam tal conduta tradutória na obra em língua portuguesa analisada, o que pode ser desenvolvido em outros trabalhos e pesquisas que se debrucem sobre as relações entre tradução e aspectos discursivos ou sobre as relações entre tradução e identidade.

## REFERÊNCIAS

ALVÃO JR, A. P. M. As multimodalidades da literatura *nerd* brasileira: consolidando uma identidade cultural. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 1287 -1302, 2015.

ARROJO, R. *Oficina de Tradução: a teoria na prática*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2007.

BICCA, A. D. N et al. Identidades *Nerd/Geek* na web: um estudo sobre pedagogias culturais e culturas juvenis. *Conjectura: Filosofia e Educação*, Caxias do Sul, v.18, n. 1, p. 87-104, 2013.

CRED. In: WORDREFERENCE. [S.l.:s.n.], 2016. Disponível em: <<http://www.wordreference.com/enpt/cred>>. Acesso em: 22 set. 2016.

DANGLY BITS. In: URBAN DICTIONARY. [S.l.:s.n.], 2016. Disponível em: <<http://www.urbandictionary.com/>>. Acesso em: 1 set. 2016.

EVIL. In: CAMBRIDGE DICTIONARY. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. Disponível em: <<http://www.dictionary.cambridge.org/pt/>> . Acesso em 1 set. 2016.

FISCHER, R. M. B. F. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. 1996. 300f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

FURLAN, M. M. *Cenas de enunciação e ethos discursivo: análise do discurso de autoajuda para adolescentes*. 2013. 162f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de

Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2013.

GÁLVEZ, J. A. (Ed.). *Dicionário Larousse: inglês/português, português/inglês*. 2 ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

GAWK. In: CAMBRIDGE DICTIONARY. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. Disponível em: <<http://www.dictionary.cambridge.org/pt/>> . Acesso em 1 set. 2016.

HIGH FIVE. In: URBAN DICTIONARY. [S.l.:s.n.], 2016. Disponível em: <<http://www.urbandictionary.com/>>. Acesso em: 1 set. 2016.

MAGGS, S. *The fangirl's guide to the galaxy: a handbook for the girl geeks*. Philadelphia: Quirk Books, 2015.

\_\_\_\_\_. *O Manual da Garota Geek: tudo de que uma nerd precisa para dominar o mundo*. Tradução de Guilherme Kroll. São Paulo: Editora Gente, 2015.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3 ed. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008. p.69-92.

MATOS, P. De vergonha a orgulho: Consumo, capital simbólico e a ressignificação midiática da cultura nerd. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. *Anais eletrônicos...* Fortaleza: UNIFOR, 2012. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1968-1.pdf](http://http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1968-1.pdf)> Acesso em: 30 mar. 2017.

MITTMANN, S. Heterogeneidade e função tradutor. *Cadernos da Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 14, p. 221-237, 1999.

OLIVEIRA, M. Omelete e Ibope Conecta traçam o perfil do público de cultura pop. Disponível em: <<http://www.http://pontosdecontato.com.br/pesquisa-de-mercado/omelete-e-ibope>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

RODRIGUES, C. C. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: HALL, S., SILVA, T.T. & WOODWARD, K. (Orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes. p.73-101.

UNDER YOUR BREATH. In: DICIONÁRIO LINGUEE. Colônia: Linguee GmbH, 2016. Disponível em: <<http://www.linguee.com.br/>>. Acesso em: 1 set. 2016.